



Boletim Técnico n.º 58

DIMENSIONAMENTO DE MERCADO E COMERCIALIZAÇÃO DE
COCO NO LITORAL SUL DA BAHIA

Áureo Luiz de Azevedo Brandão

Boletim Técnico nº 58

DIMENSIONAMENTO DE MERCADO E COMERCIALIZAÇÃO DE
COCO NO LITORAL SUL DA BAHIA

Áureo Luiz de Azevedo Brandão

Centro de Pesquisas do Cacau

1977

COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA – CEPLAC

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Alysson Paulinelli – Ministro da Agricultura

Vice-Presidente

Benedito Fonseca Moreira – Diretor da CACEX

Secretário-Geral da CEPLAC

José Haroldo Castro Vieira

Ministério da Indústria e Comércio

Carlos Pereira Filho

Governo do Estado da Bahia

José Guilherme da Motta

Governo do Estado do Espírito Santo

Emir Macedo Gomes

Banco Central do Brasil

Antonio Luiz Marchesini Torres

Produtores de Cacau

Onaldo Xavier de Oliveira

SECRETARIA GERAL

Secretário-Geral

José Haroldo Castro Vieira

Diretor Científico

Paulo de Tarso Alvim

Diretor da Coordenação Geral de Programas

Jorge Raymundo Vieira

DIRETORIA REGIONAL

Diretor Administrativo

Roberto Midlej

Diretor do Centro de Pesquisas do Cacau

Fernando Vello

Diretor do Departamento de Extensão

Manoel Malheiros Tourinho

Diretor da Escola Média de Agricultura da Região Cacaueira

Altenides Caldeira Moreau

Editor

Jorge Octavio Alves Moreno

Tiragem: 4.000 exemplares

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
OBJETIVOS	6
MATERIAL E MÉTODOS	6
O Litoral Sul da Bahia	6
Coleta de Dados	6
Amostras	6
PROCEDIMENTO	7
RESULTADOS	7
Aspectos Gerais	7
Variedades e Idade do Coqueiral	11
Produção de Frutos	11
Comercialização de Coco no Litoral Sul da Bahia	14
Comercialização a Nível de Intermediário	24
Fluxograma da Comercialização	25
Custos da Comercialização de Coco no Litoral Sul da Bahia	29
Mercado	30
CONCLUSÕES	32
SUMÁRIO	33
LITERATURA CITADA	33

DIMENSIONAMENTO DE MERCADO E COMERCIALIZAÇÃO DE COCO NO LITORAL SUL DA BAHIA

Áureo Luiz de Azevedo Brandão

1. INTRODUÇÃO

No litoral sul da Bahia, este cultivo é, em sua maior parte, espontâneo, e a atividade basicamente extrativista, pois raras são as propriedades formadas tecnicamente e cuidadas mediante uma tecnologia moderna.

Segundo um cadastro realizado pelo Departamento de Extensão da CEPLAC em 1971, existem na Região 508 propriedades agrícolas explorando cultura de coco, com aproximadamente 1,8 milhões de pés, (1). As plantações, compostas de árvores de diversas idades, com mau aspecto vegetativo e baixa produtividade, têm, de uma maneira ou de outra, garantido e proporcionado em alguns municípios uma fonte de renda.

Alguns esforços já foram realizados, na Bahia, no sentido de fazer com que o cultivo do coco viesse a se constituir uma atividade rentável e importante — colônias de Juerana e Taquari e o Núcleo Colonial Lomanto Júnior (Helvécia) — no extremo sul da Bahia. Entretanto, estes esforços constituíram-se em fracassos, por diversas razões, tais como variedade implantada e deságios na cotação, pelo baixo rendimento industrial, dentre outros. Mas, apesar de todos os problemas existentes nesta atividade, o coco-da-baía, constitui-se num produto nacionalmente demandado.

Atualmente, devido aos recursos tecnológicos existentes nas indústrias alimentícias e químicas do País, bem como a expansão dos mercados internacionais, existe a necessidade de se encarar a exploração deste produto como uma atividade potencial de largos horizontes.

Com o advento do projeto POLONORDESTE, que prevê, no Pólo Una, uma exploração agroindustrial para o coco (5), o produto gerado por plantas de alta produtividade seria utilizado na unidade industrial e comercializado, interna ou externamente, transformado, ao invés de em frutos secos ou *in natura*, como acontece atualmente.

*) Pesquisa realizada com recursos do Convênio CEPLAC/FINEP.

**) Pesquisador Auxiliar da Divisão de Sócio-Economia do Cepec.

No litoral sul da Bahia, o coco é, de modo geral, obtido através da catagem, descascado ou não, e transportado por via terrestre aos mercados consumidores, uma vez que no Estado não existe nenhuma fábrica de aproveitamento dos subprodutos do coco.

Em razão destes aspectos, há dificuldades para se realizar trabalhos de pesquisas na área de custos de formação e exploração, mas, no propósito de contribuir para orientação de futuras decisões, é que o presente trabalho se realiza.

2. OBJETIVOS

O trabalho objetiva:

- Caracterizar e evidenciar os fluxos da comercialização interna* e externa** de coco, identificando as deficiências existentes.
- Evidenciar os recursos disponíveis para expansão do cultivo e/ou aproveitamento do coco no litoral sul da Bahia.
- Dimensionar o mercado produtor e consumidor para diversos tipos do produto, com vistas à expansão e/ou beneficiamento do coco no litoral sul da Bahia.
- Evidenciar a demanda exterior para diversos tipos de produto ou a aplicação de recursos no litoral sul da Bahia.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 – O Litoral Sul da Bahia

No litoral sul da Bahia, parte integrante da região cacauzeira, o coqueiral estende-se pela costa desde Valença até Mucuri, na divisa do Espírito Santo com a Bahia, em 17 municípios. Estima-se a área ocupada com coqueiros em 15.600 hectares, enquanto a disponibilidade de área é de aproximadamente 100 mil hectares. Os municípios de maior produção: Alcobaça, Caravelas, Canavieiras e Belmonte, no extremo sul, Cairu e Ituberá ao norte.

3.2 – Coleta de Dados

A coleta dos dados foi realizada em julho de 1975, e os questionários utilizados foram aplicados junto aos proprietários e/ou administradores das fazendas, os intermediários locais ou agentes compradores de coco, no litoral sul da Bahia.

3.3 – Amostras

Com base no cadastro de propriedades de coco na região, realizado pelo Departamento de Extensão da CEPLAC, no ano de 1971, tomou-se uma amostra de 50% do universo, baseando-se na variável produção. Infeliz-

*)Região Cacauzeira

**)Outros Estados.

mente, este procedimento revelou-se precário, face aos resultados obtidos no pré-teste, pois a maioria dos proprietários, constituídos de pequenos agricultores e/ou apenas possuidores de sítios para lazer, não puderam dar as informações que a pesquisa requeria. Além disto, o pré-teste indicou que apenas as propriedades cuja produção estava acima de 30 mil frutos/pé/ano já encaravam o coco como uma atividade rentável. Por esta razão, selecionou-se arbitrariamente, sem critério estatístico, 52 propriedades das 508 que constituíam o universo. Estas, embora escolhidas intencionalmente, representam 51,7% da produção global de frutos da região, mais do que se esperava da amostra.

4. PROCEDIMENTO

Os critérios adotados obedecem aos princípios de economia da comercialização, que tem por finalidade orientar a alocação de recursos de tal modo que os bens certos sejam produzidos em quantidades certas, no tempo certo, nas formas e nos lugares desejados pelos consumidores, a preços razoáveis para todos, mas com um mínimo de despesas (7). Procurou-se, ainda, descrever a estrutura do mercado regional, identificando as barreiras e as etapas de intermediações do produto, bem como medir os custos da comercialização do coco produzido no litoral do sul da Bahia. Estes custos foram estimados pela diferença entre a soma monetária que os consumidores pagam, pela quantidade final do produto que compram e a soma monetária que os produtores recebem pela venda do coco. Assim, acredita-se que este custo de comercialização realmente inclui todas as despesas de transporte do produto, do ponto inicial de produção para o ponto final de consumo, qualquer processamento empreendido de manuseio, de retenção, de financiamento e quaisquer outras funções de comercialização realizadas no produto, para dar-lhe utilidades em todos os níveis do sistema.

Dividiu-se a área estudada em três regiões: norte, centro e sul. Norte compreende os municípios de Cairu, Valença, Ituberá e Camamu; centro os municípios de Itacarê, Ilhéus e Una; e sul, os municípios de Canavieiras, Belmonte, Porto Seguro, Alcobaça, Caravelas e Nova Viçosa.

5. RESULTADOS

5.1 - Aspectos Gerais

A maioria dos produtores de coco no litoral sul da Bahia têm curso primário 44%; a nível de Mobral, 19%, e os demais possuem o curso médio.

Quanto à localidade onde vivem, 79,1% dos agricultores moram no município da propriedade, 11,6% em outros municípios da região e 9,3% fora da região (Quadro 1).

O coco participa com 54,4% na formação da renda bruta dos agricultores. O estudo evidenciou ainda que nem só de coco vivem os agricultores (Quadro 2).

Observa-se pelo Quadro 2 que nas regiões centro e sul os proprietários, em grande parte, têm os seus rendimentos com base no cultivo

Quadro 1 - Residências dos Proprietários de Fazendas de Coco, no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Municípios	Municípios da propriedade (%)		Outros municípios da região (%)		Fora da região (%)		Total	(%)
NORTE								
Valença	3	100,0	-	-	-	-	3	100,0
Cairu	9	64,3	2	14,3	3	21,4	14	100,0
Ituberã	1	50,0	1	50,0	-	-	2	100,0
Camamu	-	-	-	-	1	100,0	1	100,0
Total Região I	13	65,0	3	15,0	4	20,0	20	100,0
CENTRO								
Itacarê	1	100,0	-	-	-	-	1	100,0
Ilhéus	4	100,0	-	-	-	-	4	100,0
Una	1	50,0	1	50,0	-	-	2	100,0
Total Região II	6	85,7	1	14,3	-	-	7	100,0
SUL								
Canavieiras	3	100,0	-	-	-	-	3	100,0
Belmonte	4	100,0	-	-	-	-	4	100,0
Porto Seguro	1	100,0	-	-	-	-	1	100,0
Alcobaça	2	100,0	-	-	-	-	2	100,0
Caravelas	4	100,0	-	-	-	-	4	100,0
Nova Viçosa	1	50,0	1	50,0	-	-	2	100,0
Total Região III	15	93,7	1	6,3	-	-	16	100,0
Total (I+II+III)	34	79,1	5	11,6	4	9,3	43	100,0

Fonte - Dados da pesquisa.

de coco, enquanto que na região norte os agricultores têm o coco como mais uma atividade que participa na formação de sua renda. As atividades de outras agriculturas, comércio e serviços, na maioria dos casos, são responsáveis pela formação da renda dos produtores.

Quanto à situação legal das propriedades, a maior parte delas não é titulada ou têm apenas parte titulada, chegando a mais ou menos 60%, conforme se observa no Quadro 3.

Quanto ao uso das terras nas propriedades estudadas, observou-se que cultivos como dendê, piaçava e melão, dentre outros, são também explorados, existindo até casos, embora raros, de que estes trazem maiores lucros ao proprietário do que o coco. Observou-se ainda que os proprietários não costumam consorciar seu coqueiral a outros tipos de cultivo ou exploração pastoril.

Quadro 2 - Formação da Renda Bruta dos Produtores de Coco no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Municípios	A t i v i d a d e s					
	Coco (%)	Outras	Comércio (%)	Indústrias (%)	Serviços (%)	Total (%)
		Agricultu- ras (%)				
NORTE						
Valença	46,7	26,6	26,7	-	-	100,0
Cairu	51,0	20,5	15,0	-	13,5	100,0
Ituberã	70,0	10,0	-	-	20,0	100,0
Camamu	2,0	98,0	-	-	-	100,0
Total Região I	42,1	38,9	10,4	-	8,4	100,0
CENTRO						
Itacarê	60,0	40,0	-	-	-	100,0
Ilhéus	20,0	40,0	30,0	10	-	100,0
Una	75,0	25,0	-	-	-	100,0
Total II	51,7	35,0	10,0	3,3	-	100,0
SUL						
Canavieiras	65,0	1,7	-	-	33,3	100,0
Belmonte	31,3	16,2	30,0	-	22,5	100,0
Porto Seguro	42,0	58,0	-	-	-	100,0
Alcobaça	84,0	16,0	-	-	-	100,0
Caravelas	39,2	44,6	7,5	8,7	-	100,0
Nova Viçosa	58,5	-	-	-	41,5	100,0
Total Região III	53,4	22,8	6,2	1,4	16,2	100,0
Total (I+II+III)	54,4	31,4	5,5	0,5	8,2	100,0

Fonte - Dados da pesquisa.

Entretanto, a maior parte das terras destas propriedades é constituída de matas e capoeiras (36,2%), seguindo-se de terras ocupadas com exploração de coco (28,4%), Quadro 4.

Além do uso das terras, procurou-se obter o valor destas, mediante opinião dos proprietários. O valor médio por hectare de um coqueiral foi estimado em aproximadamente 8,5 mil cruzeiros, enquanto que para outros cultivos, como melão e pimentas (ocorridos no extremo sul - Caravelas), têm maior valor por unidade de área. (Quadro 5).

O Quadro 5 mostra que, em termos globais, o valor do coqueiral representa 69,6% do valor total das propriedades.

Quadro 3 - Situação Legal das Propriedades de Coco no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Municípios	Titulada		Particular titulada		Não titulada		Total	
	Nº	(%)	Nº	(%)	Nº	(%)	Nº	(%)
NORTE								
Valença	2	66,7	-	-	1	33,3	3	100,0
Cairu	6	42,9	1	7,1	7	50,0	14	100,0
Ituberã	-	-	-	-	2	100,0	2	100,0
Camamu	1	100,0	-	-	-	-	1	100,0
Total Região I	9	45,0	1	5,0	10	50,0	20	100,0
CENTRO								
Itacaré	-	-	-	-	1	100,0	1	100,0
Ilhéus	1	25,0	-	-	3	75,0	4	100,0
Una	1	50,0	-	-	1	50,0	2	100,0
Total Região II	2	28,6	-	-	5	71,4	7	100,0
SUL								
Canavieiras	-	-	2	66,7	1	33,3	3	100,0
Belmonte	1	25,0	-	-	3	75,0	4	100,0
Porto Seguro	-	-	-	-	1	100,0	1	100,0
Alcobaça	-	-	-	-	2	100,0	2	100,0
Caravelas	1	25,0	1	25,0	2	50,0	4	100,0
Nova Viçosa	-	-	-	-	2	100,0	2	100,0
Total Região III	2	12,5	3	18,8	11	68,7	16	100,0
Total Geral (I+II+III)	13	30,2	4	9,3	26	60,5	43	100,0

Fonte - Dados da pesquisa.

Quadro 4 - Uso da Terra em Propriedades de Coco no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Uso das terras	Norte		Centro		Sul		Total	
	(ha)	(%)	(ha)	(%)	(ha)	(%)	(ha)	(%)
Coco	1.698	20,0	1.194	64,2	1.014	29,9	3.906	28,4
Matas e capoeiras	2.811	33,0	570	30,7	1.607	47,4	4.988	36,2
Pastos	1.607	18,9	25	1,3	338	10,0	1.970	14,3
Dendê	174	2,0	15	0,8	-	-	189	1,4
Piaçava	342	4,0	-	-	120	3,5	462	3,4
Melão	-	-	-	-	60	1,8	60	0,4
Pimentão	-	-	-	-	12	0,4	12	0,1
Outros	67	0,8	12	0,6	151	4,5	230	1,7
Inaproveitável*	1.816	21,3	45	2,4	85	2,5	1.946	14,1
Total	8.515	100,0	1.861	100,0	3.387	100,0	13.763	100,0

* Áreas com pântanos, campos, rios, pedreiras etc.

Fonte - Dados da pesquisa.

Quadro 5 - Valor das Terras com Cultivo nas Propriedades de Coco no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Uso das Terras	Norte		Centro		Sul		Total	
	(Cr\$)	(%)	(Cr\$)	(%)	(Cr\$)	(%)	(Cr\$)	(%)
Coco	16.706.276	66,6	8.630.908	95,3	8.015.867	58,0	33.353.051	69,6
Matas e Capoeiras	5.026.878	20,1	193.495	2,1	2.740.429	19,8	7.960.802	16,6
Pastos	941.530	3,8	18.000	0,2	1.114.999	8,1	2.074.529	4,3
Dendê	1.354.590	5,4	116.775	1,3	-	-	1.471.365	3,1
Piaçava	729.886	2,9	-	-	75.000	0,5	804.886	1,7
Melao	-	-	-	-	600.000	4,4	600.000	1,3
Pimentão	-	-	-	-	500.000	3,6	500.000	1,0
Outros	301.000	1,2	100.000	1,1	775.000	5,6	1.156.000	2,4
Inaproveitáveis	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	25.060.160	100,0	9.059.178	100,0	13.801.295	100,0	47.920.633	100,0

Fonte - Dados da Pesquisa.

5.2 - Variedades e Idade do Coqueiral

O coqueiral existente no litoral sul da Bahia é, em sua grande maioria, constituído de variedades Comum, também chamado de Coco-da-Baía, com aproximadamente 25 anos de idade média, havendo também ocorrência das variedades Anão e Gigante, em áreas relativamente pequenas e introduzidas há menos de 10 anos, como se pode observar no Quadro 6.

5.3 - Produção de Frutos

A produção de coco por variedades, nas propriedades estudadas, foi estimada em 4.138.580 frutos, em 732.465 pés (Quadro 7).

Observa-se que aproximadamente 90% da variedade existente no litoral sul da Bahia é do tipo Comum, e a região norte é responsável por 61,8% da produção.

É interessante ainda saber a produção por pé e a produtividade por unidade de área.

Assim, o Quadro 8 revela que a produção por pé/ano é de, aproximadamente, 6 frutos.

Embora se saiba que o cultivo do coco permite uma variabilidade de rendimento (por árvore e/ou por hectare), às vezes de fazenda para fazenda e/ou de Estado para Estado, observa-se, pelos dados do Quadro 8, que o rendimento nas regiões do litoral sul da Bahia, se encontra muito abaixo da média brasileira, que está em torno de 30 frutos/pé/ano (8).

Segundo SOUZA (6), os rendimentos médios de frutos por hectare no Nordeste é de 5.975 (Quadro 9).

Observa-se que a Bahia é o Estado de menor rendimento de frutos por hectare, e o litoral sul da Bahia apresenta um rendimento (1.059,5 frutos) ainda menor (Quadro 8).

Quadro 6 - Distribuição do Cultivo do Coco por Variedade e Idade nas Propriedades do Litoral Sul da Bahia - 1975.

Municípios	Comum			Anão			Outros*			Total Geral		
	área (ha)	Idade média (anos)	Nº pés	área (ha)	Idade média (anos)	Nº pés	área (ha)	Idade média (anos)	Nº pés	área (ha)	Idade média (anos)	Nº pés
Norte												
Valença	413	45	50.863	-	-	-	-	-	-	413	45	50.863
Cairu	1.057	25	380.600	-	-	-	-	-	-	1.057	25	380.600
Ituberá	73	13	8.000	146	7	17.170	-	-	-	219	10	25.170
Camamu	-	-	-	-	-	-	9	10	1.000	9	10	1.000
Total Região Norte	1.543	27	439.463	146	7	17.170	9	10	1.000	1.698	22.5	457.633
Centro												
Itacaré	256	24	20.736	-	-	-	-	-	-	256	24	20.736
Ilhéus	140	16	21.200	-	-	-	-	-	-	140	16	21.200
Una	798	15	128.000	-	-	-	-	-	-	798	15	128.000
Total Região Centro	1.194	18	169.936	-	-	-	-	-	-	1.194	22	169.936
Sul												
Canavieiras	200	30	18.800	-	-	-	-	-	-	200	30	18.800
Belmonte	249	30	35.436	-	-	-	-	-	-	249	30	35.436
P. Seguro	80	60	3.500	-	-	-	-	-	-	80	60	3.500
Alcobaça	140	30	14.000	-	-	-	-	-	-	140	30	14.000
Caravelas	197	15	16.740	45	6	5.400	18	6	2.160	260	9	24.300
N. Viçosa	85	26	8.860	-	-	-	-	-	-	85	26	8.860
Total Região Sul	951	31	97.336	45	6	5.400	18	6	2.160	1.014	30	104.896
Total Geral	3.688	25	706.735	191	6	22.570	27	8	3.160	3.906	25	732.465

* Variedades Gigante e outras.

Fonte - Dados da pesquisa.

Quadro 7 - Produção de Cocos por Variedades no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Municípios	Comum		Anão		Outros		Total	
	frutos (UN)	%	frutos (UN)	%	frutos (UN)	%	frutos (UN)	%
Norte								
Valença	402.624	10.7	-	-	-	-	402.624	9.7
Cairu	1.692.926	45.1	-	-	-	-	1.692.926	40.9
Ituberá	140.550	3.7	232.900	83.7	-	-	373.450	9.0
Camamu	-	-	-	-	90.000	84.9	90.000	2.2
Total Reg. Norte	2.236.100	59.5	232.900	83.7	90.000	84.9	2.559.000	61.8
Centro								
Itacaré	18.000	0.5	-	-	-	-	18.000	0.4
Ilhéus	135.100	3.6	-	-	-	-	135.100	3.3
Una	480.000	12.8	-	-	-	-	480.000	11.6
Total Reg. Centro	633.100	16.9	-	-	-	-	633.100	15.3
Sul								
Canavieiras	122.200	3.3	-	-	-	-	122.200	3.0
Belmonte	249.120	6.6	5.400	1.9	-	-	254.520	6.2
P. Seguro	22.000	0.6	-	-	-	-	22.000	0.5
Alcobaça	212.760	5.7	-	-	-	-	212.760	5.1
Caravelas	154.000	4.1	40.000	14.4	16.000	15.1	210.000	5.1
Nova Viçosa	125.000	3.3	-	-	-	-	125.000	3.0
Total Reg. Sul	885.080	23.6	45.000	16.3	16.000	15.1	946.480	22.9
Total Geral	3.754.280	100.0	278.300	100.0	106.000	100.0	4.138.580	100.0

Fonte - Dados da pesquisa.

Quadro 8 - Produtividade Média de Cocos por Pé/Ano e por Hectare, no Litoral Sul da Bahia.

Municípios	P r o d u t i v i d a d e					
	Quantidade de frutos	Número de pés	Número de frutos/pé média	Quantidade de frutos	área (ha)	Nº de frutos média/ha
<u>Norte</u>						
Valença	402.624	50.863	7,9	402.624	413	974,9
Cairu	1.692.926	380.600	4,5	1.692.926	1.057	1.601,6
Ituberá	373.450	25.170	14,8	373.450	219	1.705,3
Camamu	90.000	1.000	90,0	90.000	9	10.000,0
Total Reg. Norte	2.559.000	457.633	5,6	2.559.000	1.698	1.507,1
<u>Centro</u>						
Itacarê	18.000	20.736	0,9	18.000	256	70,3
Ilhéus	135.100	21.200	6,4	135.100	140	965,0
Una	480.000	128.000	3,8	480.000	798	601,5
Total Reg. Centro	633.100	169.936	3,7	633.100	1.194	530,2
<u>Sul</u>						
Canavieiras	122.200	18.800	6,5	122.200	200	611,0
Belmonte	254.520	35.436	7,2	254.520	249	1.022,2
P. Seguro	22.000	3.500	6,3	22.000	80	275,0
Alcobaça	212.760	14.000	15,2	212.760	140	1.519,7
Caravelas	210.000	24.300	8,6	210.000	260	807,7
Nova Viçosa	125.000	8.860	14,1	125.000	85	1.470,6
Total Reg. Sul	946.480	104.896	9,0	946.480	1.014	933,4
Litoral Sul	4.138.580	732.465	6,6	4.138.580	3.906	1.059,5

Fonte - Dados da pesquisa.

Quadro 9 - Rendimentos Médios no Nordeste de Frutos de Coco por Hectare - 1965.

Estados	Rendimento frutos/ha
Maranhão	15.180
Piauí	7.907
Ceará	7.233
Rio Grande do Norte	5.128
Paraíba	5.395
Pernambuco	5.959
Alagoas	6.649
Sergipe	6.466
Bahia	4.955
Nordeste	5.975

SUDENE - 1968.

Este baixo rendimento verificado deve-se à falta de tratos culturais, adubação e, na maioria das vezes, ao fato de o agricultor não fazer a colheita nos pés, preferindo que o fruto caia no chão, para ali o recolher.

A produção se distribui mensalmente, não havendo interrupções, embora exista um período de "safra" (março a julho), se assim pode ser chamado, conforme mostra o Quadro 10.

Quadro 10 - Distribuição Mensal da Produção de Coco no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Meses	Reg. Norte frutos Nº	%	Reg. Centro frutos Nº	%	Reg. Sul frutos Nº	%	Litoral Sul frutos Nº	%
Janeiro	247.351	9.7	48.050	7.6	39.222	4.1	334.623	8.1
Fevereiro	223.333	8.7	50.050	7.9	42.732	4.5	316.115	7.6
Março	279.733	10.9	57.300	9.1	72.282	7.6	409.315	9.9
Abril	247.663	9.7	55.800	8.8	99.052	10.5	402.515	9.7
Maió	228.233	8.9	57.800	9.1	82.592	8.8	368.625	8.9
Junho	200.035	7.8	58.300	9.2	84.232	8.9	342.567	8.3
Julho	189.309	7.4	53.050	8.4	154.502	16.3	396.861	9.6
Agosto	165.506	6.5	54.550	8.6	109.632	11.6	329.688	8.0
Setembro	170.719	6.7	45.050	7.1	51.283	5.4	267.052	6.5
Outubro	184.550	7.2	51.050	8.1	50.873	5.4	286.473	6.9
Novembro	193.918	7.6	50.050	7.9	60.633	6.4	304.601	7.3
Dezembro	228.650	8.9	52.050	8.2	99.445	10.5	380.145	9.2
Litoral Sul	2.559.000	100.0	633.100	100.0	946.480	-	4.138.580	100,0

Fonte - Dados da pesquisa.

Curiosamente, o comportamento da produção por regiões parece indicar uma inversão entre as regiões norte e sul, isto é, quando há safra no norte (de novembro a maio), existe o período de baixa produção no sul, e ao contrário quando há safra no sul (de março a setembro), há queda de produção no norte, melhor visualizado na Figura 1.

Este fato ocasiona benefícios para o agricultor, uma vez que a demanda do produto sofre variações reduzidas, não existindo desequilíbrios na oferta. Isto também é benefício ao consumidor, pois há uma oferta equilibrada durante todo o ano.

5.4 - Comercialização de Coco no Litoral Sul da Bahia

5.4.1 - Comercialização a Nível de Produtor

A produção local é comercializada pelos proprietários, em aproximadamente 76,7% dos casos. O administrador, 9,3% aparecem como o vendedor, e são poucos os que, em conjunto, comercializam a produção, conforme Quadro 11.

De modo geral, as vendas são realizadas através de um contrato verbal, onde o pagamento é à vista, contra a entrega imediata do

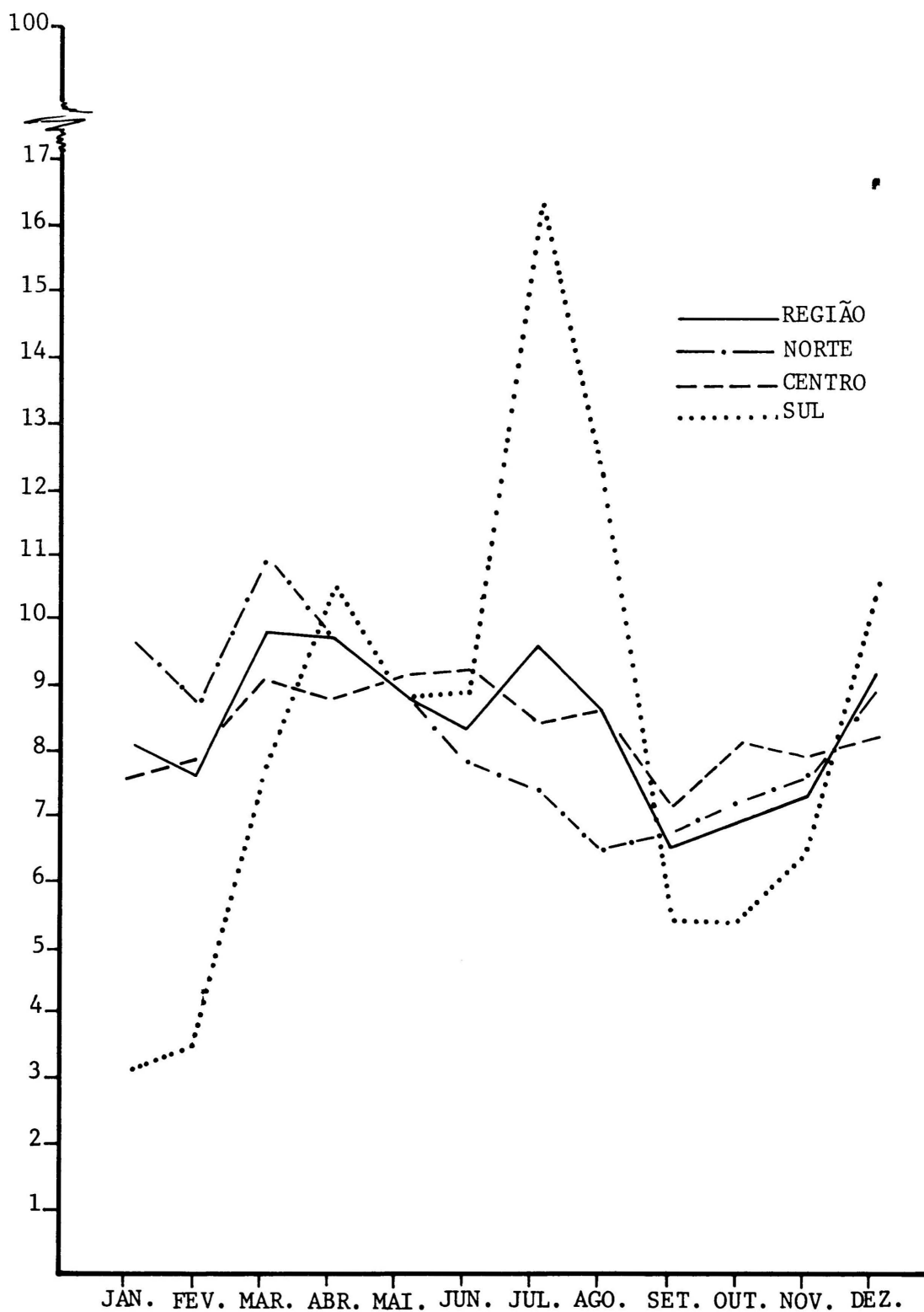


Figura 1 - Comportamento Mensal da Produção de Cocos no Litoral Sul da Bahia - 1975 - Valores Relativos.

Quadro 11 - Responsáveis Pelas Vendas de Cocos no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Municípios	Proprietários	%	Administrador	%	Prop e admin.	%	S/informações	%	Outras	%	Total	%
Norte												
Valença	3	100	-	-	-	-	-	-	-	-	3	100
Cairu	12	85.8	-	-	-	-	1	7.1	1	7.1	14	100
Ituberá	1	50	-	-	1	50	-	-	-	-	2	100
Canamari	-	-	1	100	-	-	-	-	-	-	1	100
Total Reg. I	16	80.0	1	50	1	5.0	1	5.0	1	5.0	20	100
Centro												
Itacarê	1	100	-	-	-	-	-	-	-	-	1	100
Ilhéus	2	50	1	25	-	-	1	25	-	-	4	100
Una	2	100	-	-	-	-	-	-	-	-	2	100
Total Reg. II	5	71.4	1	14.3	-	-	1	14.3	-	-	7	100
Sul												
Canavieiras	2	66.7	-	-	-	-	-	-	1	33.3	3	100
Belmonte	3	75.0	1	25	-	-	-	-	-	-	4	100
P. Seguro	1	100	-	-	-	-	-	-	-	-	1	100
Alcobaça	2	100	-	-	-	-	-	-	-	-	2	100
Caravelas	2	50	1	25	-	-	-	-	1	25	4	100
Nova Viçosa	2	100	-	-	-	-	-	-	-	-	2	100
Total Reg. III	12	75.0	2	12.5	-	-	-	-	2	12.5	16	100
Total Reg. I, II e III	33	76.7	4	9.3	1	2.3	2	4.7	3	7.0	43	100

Fonte - Dados da pesquisa.

produto (78,6%). Em 9,5% dos casos, houve vendas antecipadas, com o preço pré-fixado. E em apenas 4,8% houve vendas antecipadas sem ajustamento de preços (Quadro 12).

Os compradores geralmente vão às propriedades e obtêm, lá mesmo, a produção do agricultor (34,9%). Mas, também os agricultores vão à sede do município, em busca dos compradores (25,6%), como também vão a outros municípios para vender sua produção (25,6%) (Quadro 13).

A pesquisa revelou que é o intermediário o principal informante dos preços (37,2%). Outros agentes, que nada mais são do que funcionários de indústrias contratados para compras do coco junto aos agricultores, informam em 32,6% dos casos. Apenas 9,3% dos entrevistados não têm informações de preços antes de vender o produto (Quadro 14).

5.4.2 - Transporte

O transporte do produto da fazenda até o intermediário é pago mediante o acordo entre o comprador e o produtor. Assim, 47,6% dos casos tiveram o transporte do produto pago pelo comprador. Em 35,7% dos casos, o proprietário pagou o transporte, e apenas 14,3% dividiram os gastos do transporte do produto (Quadro 15).

Sobre os tipos utilizados, são barcos a motor e a vela e caminhões.

Quadro 12 - Formas de Vendas de Cocos no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Municípios	Vendas anteci- padas preço pré-fixado	%	Vendas anteci- padas s/ajus- tamento preço	%	Pagamento à vista c/ entrega imediata	%	Outras* formas	%	Total	%
<u>Norte</u>										
Valença	-	-	-	-	3	100	-	-	3	100
Cairu	2	15.4	-	-	9	69.2	2	15.4	13	100
Ituberá	-	-	1	50	1	50	-	-	2	100
Camamu	1	100	-	-	-	-	-	-	1	100
Total Reg. I	3	15.8	1	5.3	13	68.4	2	10.5	19	100
<u>Centro</u>										
Itacarê	-	-	-	-	1	100	-	-	1	100
Ilhéus	-	-	-	-	4	100	-	-	4	100
Una	-	-	-	-	2	100	-	-	2	100
Total Reg. II	-	-	-	-	7	100	-	-	7	100
<u>Sul</u>										
Canavieiras	-	-	-	-	3	100	-	-	3	100
Belmonte	-	-	-	-	4	100	-	-	4	100
P. Seguro	-	-	-	-	1	100	-	-	1	100
Alcobaça	-	-	-	-	2	100	-	-	2	100
Caravelas	1	25.0	1	25.0	1	25.0	1	25.0	4	100
Nova Viçosa	-	-	-	-	2	100	-	-	2	100
Tot. Reg. III	1	6.2	1	6.2	13	81.4	1	6.2	16	100
Total Geral I, II e III	4	9.5	2	4.8	33	78.6	3	7.1	42	100

Fonte - Dados da pesquisa

* Financiamento do comprador para obtenção do produto.

Quadro 13 - Locais de Vendas dos Cocos no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Municípios	No imóvel	%	Na sede	%	No imóvel e/ou na sede do município	%	No imóvel na sede Outros	%	Outros municí- pios	%	S/infor- mação	%	Total	%
<u>Norte</u>														
Valença	-	-	2	66.7	1	33.3	-	-	-	-	-	-	3	100
Cairu	5	35.7	2	14.3	3	21.4	-	-	4	28.6	-	-	14	100
Ituberá	1	50.0	-	-	-	-	1	50.0	-	-	-	-	2	100
Camamu	1	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	100
Total Reg. I	7	35.0	4	20	4	20	1	5.0	4	2.0	-	-	20	100
<u>Centro</u>														
Itacarê	-	-	-	-	-	-	-	-	1	100	-	-	1	100
Ilhéus	1	25.0	1	25.0	-	-	-	-	1	25.0	1	25.0	4	100
Una	2	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	100
Total Reg. II	3	42.8	1	14.3	-	-	-	-	2	28.6	1	14.3	7	100
<u>Sul</u>														
Canavieiras	-	-	3	100	-	-	-	-	-	-	-	-	3	100
Belmonte	2	50.0	2	50.0	-	-	-	-	-	-	-	-	4	100
P. Seguro	-	-	1	100	-	-	-	-	-	-	-	-	1	100
Alcobaça	-	-	-	-	-	-	-	-	2	100	-	-	2	100
Caravelas	1	25.0	-	-	-	-	-	-	3	75.0	-	-	4	100
Nova Viçosa	2	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	100
Total Reg. III	5	31.3	6	37.4	-	-	-	-	5	31.3	-	-	16	100
Total Geral I, II e III	15	34.9	11	25.6	4	9.3	-	2.3	11	25.6	1	2.3	43	100

Fonte - Dados da pesquisa.

Quadro 14 - Agentes Informantes de Preços de Coco no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Municípios	Interme diário	%	Produtor vizinho	%	Jornal rádio televisão	%	S/infor mação	%	Outros agentes	%	Total	%
Norte												
Valença	2	66.7	1	33.3	-	-	-	-	-	-	3	100
Cairu	4	28.6	-	-	-	-	4	28.6	6	42.8	14	100
Ituberá	-	-	-	-	-	-	-	-	2	100	2	100
Camamu	-	-	1	100	-	-	-	-	-	-	1	100
Total Reg. I	6	30	2	10	-	-	4	20	8	40	20	100
Centro												
Itacarê	-	-	-	-	-	-	-	-	1	100	1	100
Ilhéus	-	-	2	50	-	-	-	-	2	50	4	100
Una	2	100	-	-	-	-	-	-	-	-	2	100
Total Reg. II	2	28.6	2	28.6	-	-	-	-	3	42.8	7	100
Sul												
Canavieiras	1	33.3	2	66.7	-	-	-	-	-	-	3	100
Belmonte	3	75.0	1	25.0	-	-	-	-	-	-	4	100
P. Seguro	-	-	-	-	1	100	-	-	-	-	1	100
Alcobaça	1	50	-	-	-	-	-	-	1	50	2	100
Caravelas	1	25	-	-	-	25	-	-	2	50	4	100
Nova Viçosa	2	100	-	-	-	-	-	-	-	-	2	100
Total Reg. III	8	50	3	18.8	2	12.5	-	-	3	18.7	16	100
Total Geral Reg. I, II e III	16	37.2	7	16.3	2	4.6	4	9.3	14	32.6	43	100

Fonte - Dados da pesquisa.

Quadro 15 - Responsável pelo Pagamento do Transporte de Cocos da Propriedade para o Comprador no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Municípios	Comprador	%	Proprie- tário	%	Comprador proprie- tário	%	Outros	%	Total	%
Norte										
Valença	-	-	2	66.7	1	33.3	-	-	3	100
Cairu	6	42.8	4	28.6	4	28.6	-	-	14	100
Ituberá	1	50	-	-	1	50	-	-	2	100
Camamu	1	100	-	-	-	-	-	-	1	100
Total Reg. I	8	40	6	30	6	30	-	-	20	100
Centro										
Itacarê	-	-	1	100	-	-	-	-	1	100
Ilhéus	4	100	-	-	-	-	-	-	4	100
Una	2	100	-	-	-	-	-	-	2	100
Total Reg. II	6	85.7	1	14.3	-	-	-	-	7	100
Sul										
Canavieiras	-	-	2	100	-	-	-	-	2	100
Belmonte	2	50	2	50	-	-	-	-	4	100
P. Seguro	-	-	1	100	-	-	-	-	1	100
Alcobaça	1	50	1	50	-	-	-	-	2	100
Caravelas	2	50	2	50	-	-	-	-	4	100
Nova Viçosa	1	50	-	-	-	-	-	50	2	100
Total Reg. III	6	40	8	53.3	-	-	1	6.7	15	100
Total Geral I, II e III	20	47.6	15	35.7	6	14.3	1	2.4	42	100

Fonte - Dados da pesquisa.

5.4.3 - Classificação

Quanto à classificação, 85% dos compradores na região norte classificam o produto, enquanto que nas regiões centro e sul praticamente não o classificam (Quadro 16).

Quadro 16 - Classificação de Cocos no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Municípios	Classifica	%	Não clas- sifica	%	S/infor- mação	%	Total	%
<u>Norte</u>								
Valença	2	66.7	1	33.3	-	-	3	100
Cairu	12	85.8	1	7.1	1	7.1	14	100
Ituberá	2	100	-	-	-	-	2	100
Camamu	1	100	-	-	-	-	1	100
Total Reg. I	17	85	2	10	1	5	20	100
<u>Centro</u>								
Itacarê	-	-	1	100	-	-	1	100
Ilhéus	-	-	4	100	-	-	4	100
Una	-	-	2	100	-	-	2	100
Total Reg. II	-	-	7	100	-	-	7	100
<u>Sul</u>								
Canavieiras	-	-	3	100	-	-	3	100
Belmonte	-	-	4	100	-	-	4	100
P. Seguro	1	100	-	-	-	-	1	100
Alcobaça	-	-	2	100	-	-	2	100
Caravelas	1	25	3	75	-	-	4	100
Nova Viçosa	1	50	1	50	-	-	2	100
Total Reg. III	3	18.8	13	81.2	-	-	16	100
Total Reg. I, II e III	20	46.5	22	51.2	1	2.3	43	100

Fonte - Dados da pesquisa.

A classificação realizada na região norte é em razão de que os compradores daquela região comprem para indústrias, que fazem nova classificação quando adquirem do intermediário.

A classificação é feita pelo tamanho (78,9%) e pela variedade (10,5%) (Quadro 17).

Observa-se que o produto, durante o processo de comercialização, quer a nível de produtor para intermediário, quer a nível de intermediário para consumidor final*, sofre perdas, causando prejuízos ao produtor e/ou intermediário.

*) Definido como o último comprador, que não faz transformações em seus produtos.

Quadro 17 - Tipos de Classificação de Cocos no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Municípios	Quanto ao tamanho	%	Quanto à variedade	%	Não classificada	%	Outros	%	Total	%
<u>Norte</u>										
Valença	2	66.7	-	-	1	33.3	-	-	3	100
Cairu	12	92.3	1	7.7	-	-	-	-	13	100
Ituberã	-	-	1	50	-	-	1	50	2	100
Camamu	1	100	-	-	-	-	-	-	1	100
Total Reg. I	15	78.9	2	10.5	1	5.3	1	5.3	19	100
<u>Centro</u>										
Itacarê	-	-	-	-	1	100	-	-	1	100
Ilhéus	-	-	-	-	4	100	-	-	4	100
Una	-	-	-	-	2	100	-	-	2	100
Total Reg. II	-	-	-	-	7	100	-	-	7	100
<u>Sul</u>										
Canavieiras	-	-	-	-	3	100	-	-	3	100
Belmonte	-	-	-	-	4	100	-	-	4	100
P. Seguro	1	100	-	-	-	-	-	-	1	100
Alcobaça	-	-	-	-	2	100	-	-	2	100
Caravelas	1	25	-	-	3	75	-	-	4	100
N. Viçosa	-	-	1	50	1	50	-	-	2	100
Total Reg. III	2	12.5	1	6.2	13	81.3	-	-	16	100
Total Geral I, II e III	17	40.5	3	7.1	21	50	1	2.4	42	100

Fonte - Dados da pesquisa.

Na região norte, após a colheita, que na realidade é catagem dos produtos no chão, o coco sofre a primeira classificação por parte do produtor e é descascado, vendido e transportado para o local designado pelo comprador. Durante este processo, o coco sofre perdas por perecimento, germinação e quebra, durante as descascas, durante o transporte, durante a arrumação e também quando o produto fica exposto ao sol.

Assim, nas regiões norte, centro e sul, quase 49% dos entrevistados tiveram perdas do produto (Quadro 18).

A pesquisa revelou que, a nível de produtor, as perdas atingem até 12% da produção total. A nível de intermediário, as perdas ficam em torno de 3% a 5% da quantidade comprada.

5.4.4 - Armazenamento

Nas regiões centro e sul, para evitar estas perdas, o coco é comercializado imediatamente, o que explica o fato de que a maioria dos proprietários e intermediários não armazena o produto (Quadro 19).

5.4.5 - Preços

Os preços médios pagos ao produtor foram da ordem de Cr\$ 96,00 o cento, e a região que obteve melhor preço foi a centro, que alcançou, no ano de 1975, o valor de Cr\$ 101,00 o cento (Quadro 20).

Quadro 18 - Participação Relativa de Entrevistados que Sofrem Perdas do Produto Durante a Comercialização - 1975.

Municípios	Perde	%	Não perde	%	S/infor mação	%	Total	%
Norte								
Valença	-	-	3	100	-	-	3	100
Cairu	8	57.1	4	28.6	2	14.3	14	100
Ituberá	1	50	1	50	-	-	2	100
Camamu	-	-	1	100	-	-	1	100
Total Reg. I	9	45	9	45	2	10	20	100
Centro								
Itacarê	1	100	-	-	-	-	1	100
Ilhéus	2	50	1	25	1	25	4	100
Una	1	50	1	50	-	-	2	100
Total Reg. II	4	57.1	2	28.6	1	14.3	7	100
Sul								
Canavieiras	2	66.7	1	33.3	-	-	3	100
Belmonte	3	75.0	1	25	-	-	4	100
P. Seguro	-	-	1	100	-	-	1	100
Alcobaça	1	50	1	50	-	-	2	100
Caravelas	1	25	3	75	-	-	4	100
N. Viçosa	1	50	1	50	-	-	2	100
Total Reg. III	8	50	8	50	-	-	16	100
Total Reg. I II e III	21	48.8	19	44.2	3	7.0	43	100

Fonte - Dados da pesquisa.

Observou-se que, no período de março a julho, os preços caíram, enquanto que, a partir de setembro a fevereiro, os produtores receberam preços melhores, como se pode ver na Figura 2.

5.4.6 - Receita

O valor obtido pelos agricultores mediante as vendas de cocos atingiu a Cr\$ 3.345.391,00 (Quadro 21).

Sabendo-se que o volume da produção pesquisada corresponde a 51,7% da produção do litoral sul da Bahia e que o preço médio obtido foi de Cr\$ 0,96 por unidade, pode-se estimar o valor bruto da produção de cocos (VBP) do litoral sul da Bahia.

5.4.7 - Valor Bruto da Produção de Coco no Litoral Sul da Bahia

Assim, pode-se dizer que o VBP de cocos no litoral sul da Bahia é de Cr\$ 7.680.000,00 que, ao ser comparado com outros cultivos de maior expressão da área (cacau, pecuária, dentre outros), vê-se que o coco

Quadro 19 - Participação Relativa de Uso de Armazéns por Proprietários e/ou Intermediários de Cocos no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Municípios	Armazena	%	Não arma- zena	%	S/infor- mação	%	Total	%
<u>Norte</u>								
Valença	3	100	-	-	-	-	3	100
Cairu	9	64.3	4	28.6	1	7.1	14	100
Ituberá	1	50	1	50	-	-	2	100
Camamu	1	100	-	-	-	-	1	100
Total Reg. I	14	70	5	25	1	5	20	100
<u>Centro</u>								
Itacarê	-	-	1	100	-	-	1	100
Ilhéus	-	-	4	100	-	-	4	100
Una	1	50	1	50	-	-	2	100
Total Reg. II	1	14.3	6	85.7	-	-	7	100
<u>Sul</u>								
Canavieiras	1	33.3	2	66.7	-	-	3	100
Belmonte	3	75	1	25	-	-	4	100
P. Seguro	-	-	1	100	-	-	1	100
Alcobaça	1	50	1	50	-	-	2	100
Caravelas	2	50	2	50	-	-	4	100
N. Viçosa	1	50	1	50	-	-	2	100
Total Reg. III	8	50	8	50	-	-	16	100
Total Geral I + II + III	23	53.5	19	44.2	1	2.3	43	100

Fonte - Dados da pesquisa.

Quadro 20 - Preços Médios Mensais Recebidos pelos Produtores por Cem Frutos no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Meses	Região Norte Cr\$/cento	Região Centro Cr\$/cento	Região Sul Cr\$/cento	Preço médio geral Cr\$/cento
Janeiro	70	108	75	84
Fevereiro	72	110	86	89
Março	69	70	86	75
Abril	65	61	76	67
Maio	81	60	77	72
Junho	82	86	95	87
Julho	96	90	88	91
Agosto	100	116	101	105
Setembro	136	116	113	121
Outubro	116	125	117	119
Novembro	123	125	114	120
Dezembro	118	145	114	125
Preço médio anual	94	101	95	96

Fonte - Dados da pesquisa.

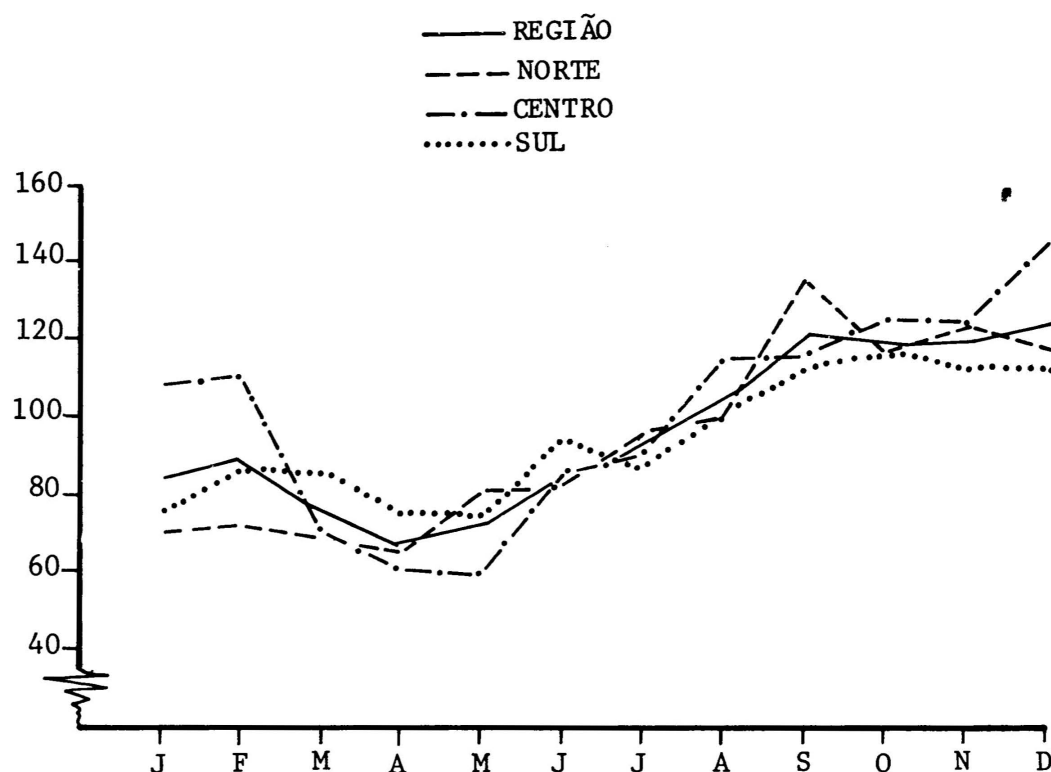


Figura 2 - Variação Estacional de Preços Recebidos pelos Produtores por Cem Cocos no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Quadro 21 - Valor das Vendas Mensais de Cocos no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Meses	Reg. Norte (Cr\$)	Reg. Centro (Cr\$)	Reg. Sul (Cr\$)	Total Geral (Cr\$)
Janeiro	157.751.00	12.470.00	31.859.00	202.080.00
Fevereiro	144.606.00	13.750.00	31.457.00	189.813.00
Março	176.296.00	15.710.00	63.007.00	255.013.00
Abril	157.029.00	14.490.00	71.045.00	242.564.00
Maio	175.970.00	16.260.00	55.180.00	247.410.00
junho	153.737.00	22.090.00	83.877.00	259.704.00
Julho	166.482.00	19.480.00	135.048.00	321.010.00
Agosto	143.294.00	27.765.00	120.256.00	291.315.00
Setembro	188.984.00	16.765.00	62.938.00	268.687.00
Outubro	202.255.00	27.245.00	57.623.00	293.123.00
Novembro	264.168.00	25.645.00	64.488.00	354.301.00
Dezembro	274.452.00	28.325.00	117.594.00	420.371.00
Tot. Geral	2.211.024.00	239.955.00	894.372.00	3.345.391.00

Fonte - Dados da pesquisa.

pouco contribui para a formação do valor bruto da produção do litoral sul da Bahia (Quadro 22).

Quadro 22 - Participação do Valor da Produção de Coco no VBP do Litoral Sul da Bahia - 1975.

Produtos	Valor Bruto da Produção Cr\$	(Cr\$ 1.000) %
Pecuária	1.646.100	62.96
Cacau	925.417	35.39
Borracha Vegetal	26.309	1.01
Dendê	8.082	0.31
Coco	7.680	0.29
Cravo-da-Índia	1.038	0.04
Total	2.614.626	100.00

Fonte - Departamento de Extensão da CEPLAC.

5.5 - Comercialização a Nível de Intermediários

Os intermediários locais, em sua maioria, podem ser classificados como especuladores. Isto é, indivíduos que têm como objetivo único o lucro, face às mudanças de preços a curto prazo.

Também existem na região, embora em número reduzido, os intermediários comerciantes, ou seja, aqueles que, estabelecidos comercialmente, possuem o título de posse e, por conseguinte, são proprietários dos produtos que manipulam, isto é, compram e vendem para seu próprio lucro (4).

Somente em épocas especiais de grande carência do produto é que se verificou agentes compradores estabelecidos na região para firmas de outros estados.

Geralmente, os especuladores possuem um caminhão, realizando o transporte do produto por própria conta e risco, para vender nos centros consumidores.

Quanto aos intermediários comerciantes, estes, mais organizados, têm ligações com representantes nos centros consumidores (São Paulo, Rio de Janeiro e Vitória), que lhes informam as cotações de preços nestes centros. Caso o preço de fora seja suficiente para garantir o lucro esperado, eles enviam o produto.

5.5.1 - Perdas

As perdas a nível de intermediários foram atribuídas às quebras de carga e descarga, ratos e germinação.

Porém, estas representam 3% na região norte, 4% na região centro e 2% na região sul.

5.5.2 - Preços

Os preços na compra aos produtores são estabelecidos pela cotação local em 80% dos casos, por iniciativa própria em 16% e por cotação da firma de fora em 4%.

Na fase de venda, o preço é estabelecido pelas firmas de fora em 98% dos casos e pela iniciativa própria em 2% (estas quando vendem na região).

Os preços médios obtidos pelas vendas de coco no ano da pesquisa, nos principais centros, pode-se observar no Quadro 23.

Salienta-se ainda que os preços em Aracaju são os mesmos que em Salvador.

Quadro 23 - Variação Estacional de Preços por Cem Cocos em S.Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Vitória e Recife - 1975.

Meses	S.Paulo Cr\$	R.de Janeiro Cr\$	Salvador Cr\$	Vitória Cr\$	Recife Cr\$	Média mensal Cr\$
Janeiro	206,38	256,95	182,95	210,00	155,00	202,26
Fevereiro	200,23	232,31	176,47	217,41	142,35	193,75
Março	190,64	239,17	168,16	210,00	143,16	190,23
Abril	190,22	224,16	137,86	193,90	123,81	173,99
Maio	190,22	215,83	147,50	166,53	119,50	167,92
Junho	169,31	215,83	144,74	141,75	118,75	158,08
Julho	159,78	154,46	142,27	120,06	118,10	138,93
Agosto	149,92	146,66	135,48	111,83	112,62	131,30
Setembro	144,57	144,38	131,14	112,67	110,45	128,64
Outubro	152,17	142,53	131,39	123,90	110,23	131,81
Novembro	159,78	142,92	131,39	120,05	117,00	134,23
Dezembro	156,28	142,92	130,83	125,13	120,79	135,19
Média anual	172,46	188,18	146,59	154,44	124,31	150,10

Fonte: - Anuário Estatístico da Divisão de Informação de Mercado Agrícola, Ministério da Agricultura - 1976, Brasília.

Percebe-se que o Rio de Janeiro e São Paulo foram os centros consumidores que melhor pagaram pelo produto, no ano da pesquisa (Figura 3).

Apesar de o Estado do Rio de Janeiro ter tido o melhor preço dentre os demais centros, o litoral sul da Bahia comercializou quase que toda a sua produção em São Paulo, como se pode observar pelo fluxo quantitativo do destino da produção.

5.6 - Fluxograma da Comercialização

5.6.1 - Fluxo Qualitativo da Produção de Coco no Litoral Sul da Bahia

O fluxo se faz de modo pouco diferenciado nas três regiões. No norte, o produtor tem três opções para vender seu produto: ao inter-

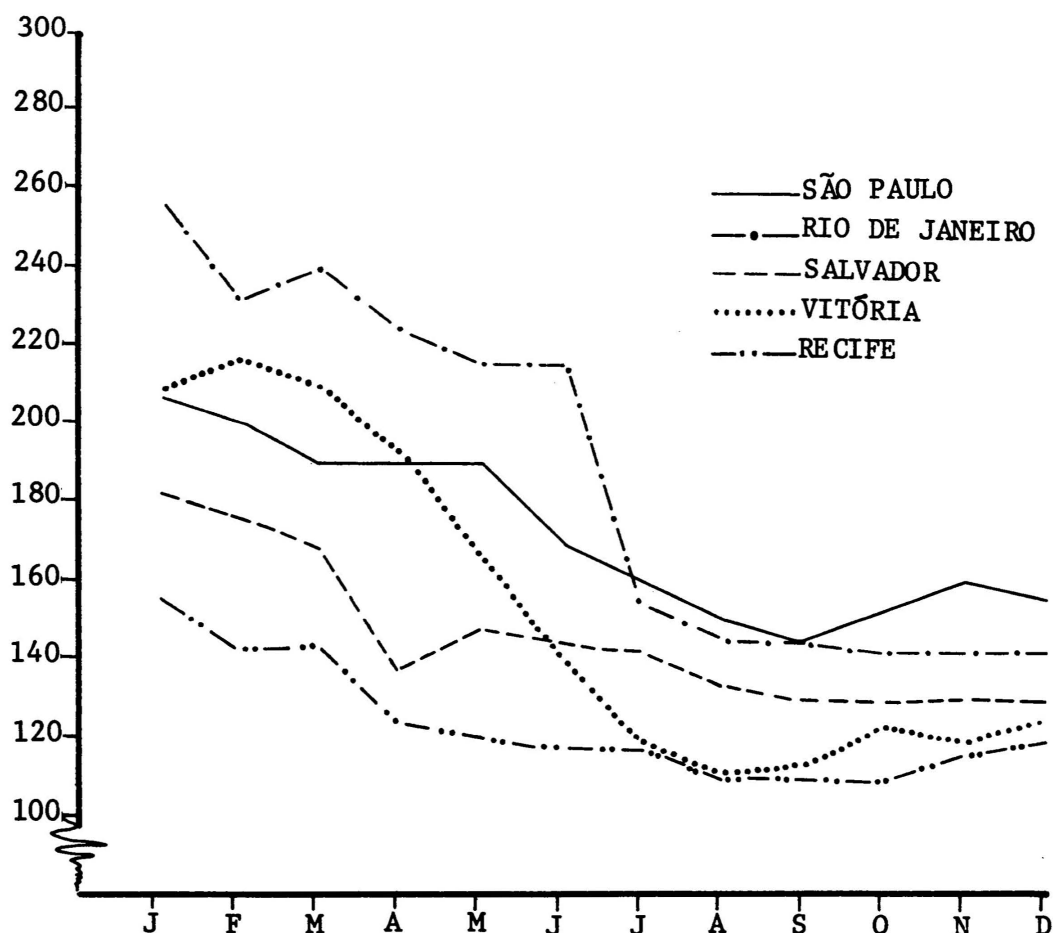


Figura 3 - Variação Estacional de Preços por cem Cocos em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Vitória e Recife - 1975.

mediário local, ao intermediário de fora (em sua maioria são saveiristas*, que compram para levar à feira de São Joaquim, em Salvador) e à indústria de outro Estado (Sergipe).

Na região centro, o produtor vende ao intermediário local ou diretamente para a indústria de fora (sul do país).

Na região sul, o agricultor vende a intermediários locais, de fora (intermediários de Vitória, Rio e São Paulo), às cooperativas agrícolas de comercialização (muitos agricultores são filiados a cooperativas agrícolas) e/ou para indústrias do Rio e/ou São Paulo.

Nas Figuras 4, 5 e 6 pode-se ver o fluxograma qualitativo da comercialização.

* Regionalismo - Donos de barcos chamados saveiros

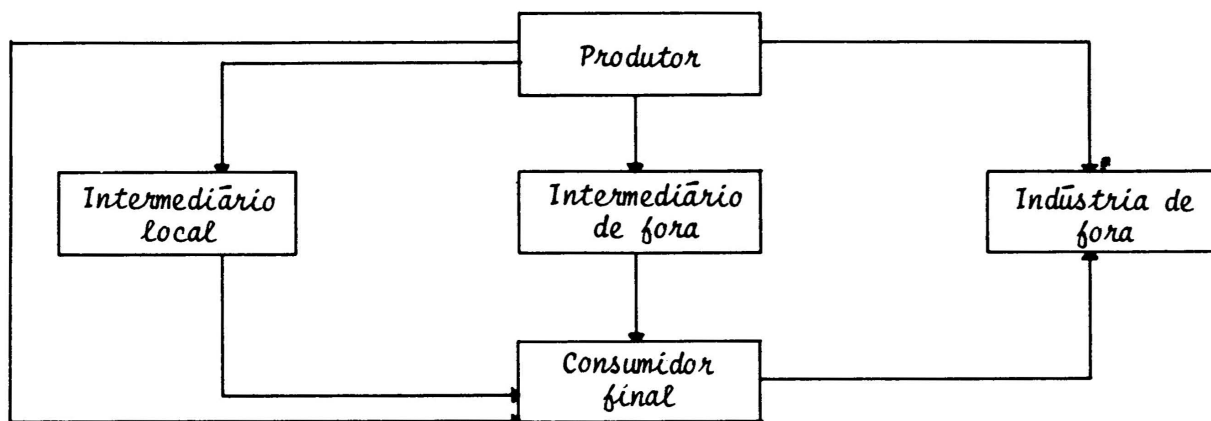


Figura 4 - Fluxograma Qualitativo da Comercialização de Cocos na Região Norte do Litoral Sul da Bahia - 1975.

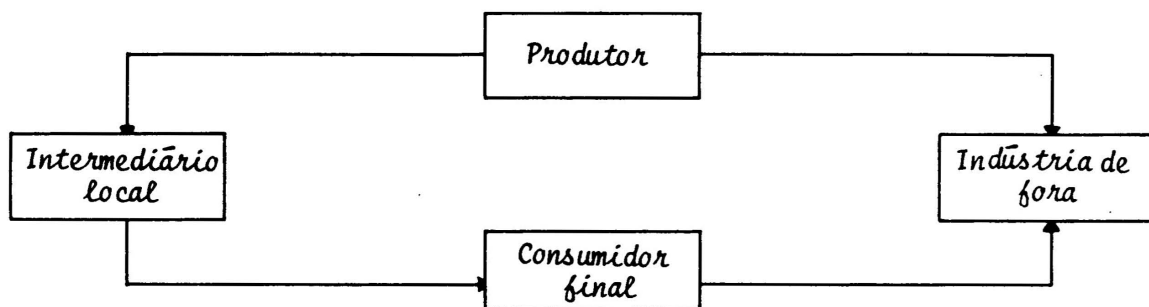


Figura 5 - Fluxograma Qualitativo da Comercialização de Cocos na Região Centro do Litoral Sul da Bahia - 1975.

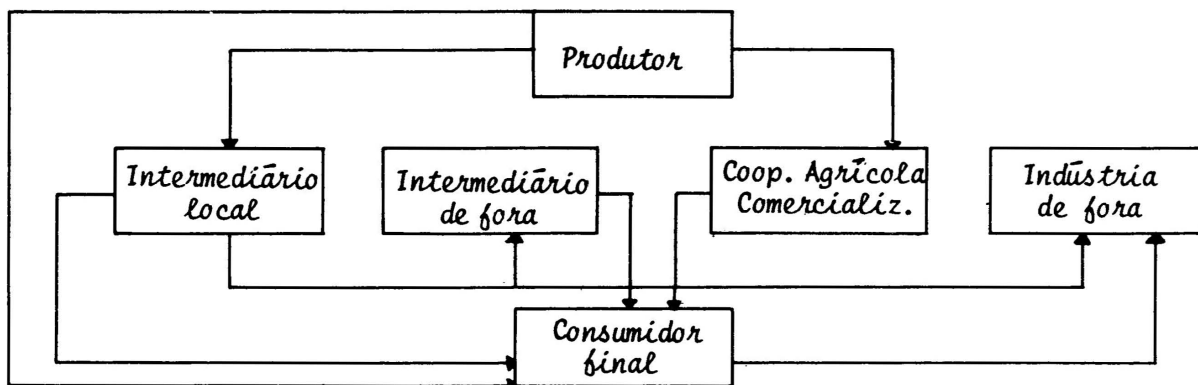


Figura 6 - Fluxograma Qualitativo da Comercialização de Cocos na Região Sul do Litoral Sul da Bahia - 1975.

5.6.2 - Fluxo Quantitativo da Produção de Coco no Litoral Sul da Bahia

O fluxo quantitativo da produção mostra que apenas na região norte o produto não foi destinado a São Paulo. Aí, os principais centros consumidores foram Aracaju, 72%, e Salvador, 20%, sendo que o restante foi para o Rio de Janeiro e municípios vizinhos da região.

Quanto às regiões centro e sul, a pesquisa demonstrou que São Paulo foi o grande consumidor da produção do litoral sul da Bahia (Figuras 7, 8 e 9).

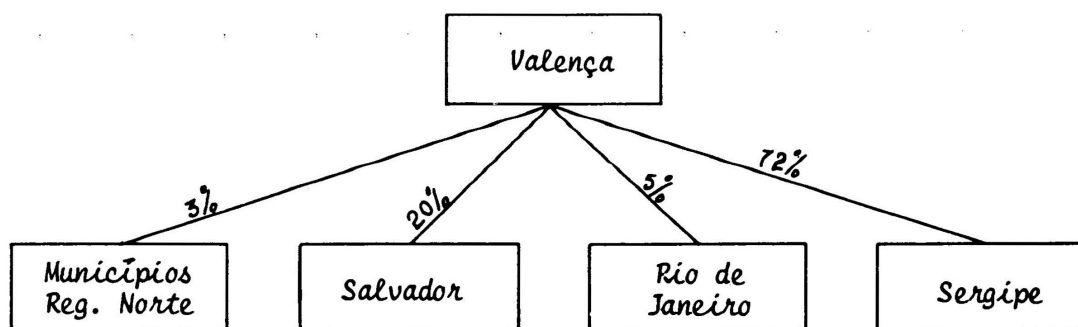


Figura 7 - Fluxograma Quantitativo da Produção de Cocos na Região Norte do Litoral Sul da Bahia - 1975.

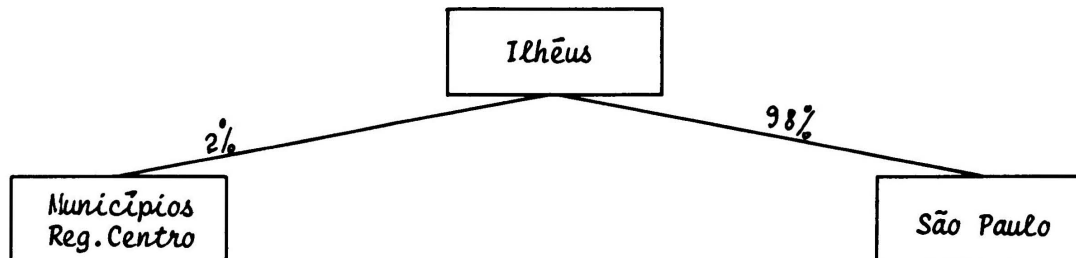


Figura 8 - Fluxograma Quantitativo da Produção de Cocos na Região Centro do Litoral Sul da Bahia - 1975.

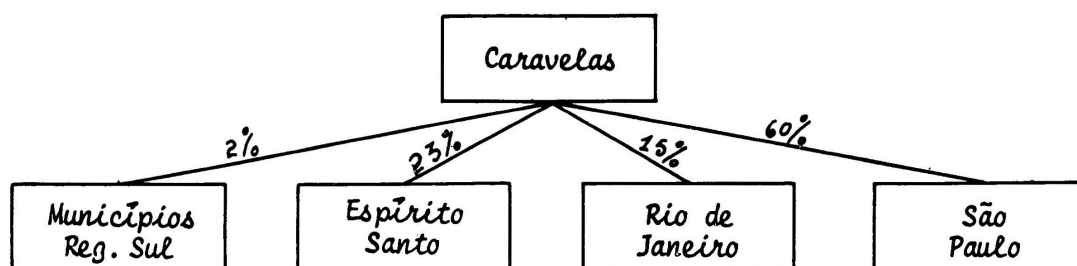


Figura 9 - Fluxograma Quantitativo da Produção de Cocos na Região Sul do Litoral Sul da Bahia - 1975.

Observe-se que se usou, para cada região do litoral sul, um município para identificar o local de origem da produção. Isto porque os municípios: Valença, no norte, Ilhéus, no centro, e Caravelas, ao sul, constituem-se nos centros de convergência da produção local e são os locais de maior afluência, quer de produtores, quer de compradores.

6. Custos da Comercialização de Cocos no Litoral Sul da Bahia

A determinação dos custos da comercialização de cocos foi feita com base na diferença entre a soma monetária que os consumidores pagaram pela quantidade do produto e a soma monetária que os produtores receberam pela venda do coco.

Assim, observam-se no Quadro 24 os valores pagos pelos consumidores, os valores recebidos pelos produtores e o custo de comercialização.

Quadro 24 - Valor total do Custo de Comercialização de Coco para o Litoral Sul da Bahia - 1975.

Região	Valor pago pelos consumidores Cr\$	Valor recebido pelos produtores Cr\$	Custo da Comercialização Cr\$
Norte	3.469.661,35	2.211.024,00	1.258.637,35
Centro	405.330,76	239.995,00	165.335,76
Sul	1.589.816,31	894.372,00	695.444,31
Litoral Sul	5.464,42	3.345.391,00	2.119.417,42

Fonte - Dados da pesquisa.

Sabendo-se as quantidades vendidas nas regiões norte, centro e sul, pode-se calcular o valor unitário da comercialização, por unidade de fruto (Quadro 25).

Quadro 25 - Custo da Comercialização de Coco por Unidade, no Litoral Sul da Bahia - 1975.

Regiões	Quantidades vendidas	Valor pago pelos consumidores Cr\$/unid.	Valor recebido pelos produtores Cr\$/unid.	Custo da Comercialização Cr\$/unid.
Norte	2.352.153	1,48	0,94	0,54
Centro	237.619	1,71	0,01	0,70
Sul	941.444	1,69	0,95	0,74
Litoral Sul	3.531.216	1,55	0,95	0,60

Fonte - Dados da pesquisa.

Observe-se que a região norte apresenta o menor custo, Cr\$ 0,54, enquanto que a região sul tem o mais alto custo de comercialização, Cr\$ 0,74.

Acredita-se que este custo deve incluir todas as despesas incidentes, desde o ponto inicial de produção até o ponto final de consumo, que abrangem os gastos de transporte, manuseio, retenção de financiamento e quaisquer outras funções de comercialização realizadas no produto para dar-lhe utilidade em todos os níveis do sistema.

7. MERCADO

7.1 - Oferta Mundial

A produção mundial de cocos, segundo a FAO, no período 1963/67, estaria, em média, em torno de 27,2 bilhões de frutos/ano (2). Desta produção, a Ásia apareceu como o maior produtor, com cerca de 21 bilhões, o que significa 77,2% do total; a América Latina, 2 bilhões (7,4%); a Oceânia, 1,6 bilhões (5,9%); a África, 1,4 bilhões (5,2%); a Europa 1,1 bilhões (4,3%).

Os cinco maiores exportadores de frutos frescos em casca, no período 1962 a 1973, pode-se ver no Quadro 26.

Quadro 26 - Maiores Exportadores de Cocos "in natura" no Período 1962/1973 - Toneladas Métricas.

Países Exportadores	Quantidades Exportadas (ton)	Participação relativa %	Exportadores Mundiais (ton)	Classificação
Malásia	80.225	17,5	457.605	19
R. Dominicana	75.716	16,6	457.605	29
R. Árabe Síria	74.634	16,3	457.605	39
Honduras	49.393	10,8	457.605	49
Kenia	20.238	4,4	457.605	59
Total	300.206	65,6	457.605	-

Fonte - FAO - Trade Yearbook - 1973.

Observe-se que apenas 5 países foram responsáveis por 65,6% do total mundial de exportação de cocos *in natura* no período 1962/1973.

7.2 - Oferta Nacional

O Brasil, no período 1962/73, ocupou o 25º lugar, com 2.697 toneladas métricas, sendo que o ano de 1964 foi o de maior quantidade (545 ton) (2).

Segundo o IBGE (3), a produção de coco para o ano de 1973 foi de 547.282.000 frutos, sendo os maiores produtores os estados da Bahia, 149.891 (27,4%), Sergipe, 89.396 (16,3%), Alagoas, 74.805 (13,7%), Ceará, 59.777 (10,9%), Paraíba, 52.048 (9,5%) e outros, (22,2%).

Observa-se que apenas estes cinco estados são responsáveis por 77,8% da produção brasileira de coco.

7.3 - Demanda Mundial

O consumo aparente de coco *in natura*, representado no presente trabalho pelas importações, no período 1962/1973, atingiu a 608.972 toneladas métricas (2).

Neste período, os países maiores importadores foram os Estados Unidos (29,0%), Nigéria (8,9%), Reino Unido (7,6%), Singapura (5,7%) e Birmânia (5,6% do total).

No Brasil, os estados consumidores deste produto são: São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia e Sergipe.

Um aspecto interessante que se observou foi que, no período 1962/1973, o volume de frutos de cocos frescos importados, 608.972 toneladas métricas, foi maior do que o volume do mesmo produto exportado, 457.605 toneladas métricas.

Tal fato parece indicar que os registros das importações foram mais eficientes do que os das exportações. De todas as maneiras, quando, em termos individuais, as importações são maiores do que as exportações, o consumo é evidentemente maior do que a produção.

7.4 - Demanda Nacional

A produção brasileira de coco é atualmente comercializada quase que totalmente *in natura* no mercado nacional e internacional. A não ser por pequena quantidade de óleo e coco dessecado para os Estados Unidos (1976), dir-se-ia que o Brasil não exporta sob outras formas.

A nível nacional, foram enviados formulários às indústrias e atacadistas que, identificados como intermediários do litoral sul da Bahia, se supunha que utilizassem, de alguma forma, o coco como matéria-prima para seus produtos finais, num total de 30.

Sem embargo, obteve-se informações de poucas empresas consultadas (apenas 10%), o que obviamente não permite um dimensionamento do mercado brasileiro do consumo de cocos.

Entretanto, apesar de não se ter um número desejável de informações para o que este trabalho se propunha, teve-se pelo menos uma leve indicação das potencialidades que este produto detém no mercado nacional e mundial.

Dos formulários obtidos, extraíram-se os itens de maior importância e opiniões comuns a todas as empresas:

1. O Nordeste e o Norte são os fornecedores da matéria-prima para as indústrias alimentícias (chocolate, leite, bombons etc.).
2. As indústrias de coco ralado e leite de coco são primitivas e encontram dificuldades em fabricar produtos de qualidade aceitável e isentos de problemas bacteriológicos.

3. Existe um mercado franco a nível internacional para exportação de derivados, como leite de coco desengordurado, *bickets** e carvão ativado. Mas, infelizmente, nenhum fabricante brasileiro possui equipamentos para produzi-los.
4. A oferta do produto, ou seja, a produção brasileira de cocos, não atende à demanda nacional, quer em frutos *in natura*, quer em subprodutos, o que se torna mais grave com a estacionalidade e a tendência de declínio desta produção.
5. As indústrias nacionais estão, em consequência da falta de matérias-primas, trabalhando com aproximadamente 40% de sua capacidade instalada.
6. Todas as empresas entrevistadas pretendem duplicar o seu consumo atual, quer pela maior utilização de suas capacidades, quer pelo ingresso de novas linhas de produção.

Finalmente, sem se ter a necessidade das indústrias de cosméticos, de borracha e bélica, entre outras, pode-se perceber que o coco e seus derivados têm mercado garantido a nível nacional.

8. CONCLUSÕES

Os aspectos mais importantes discutidos anteriormente mostraram que o cultivo do coco no litoral sul da Bahia carece de ser encarado como uma opção para os agricultores locais e/ou investidores que desejam empregar recursos de capital.

Embora este trabalho tenha se ocupado apenas dos problemas de comercialização e mercado para o coco, deixou claro as possíveis perspectivas de que um dinamismo no incremento da produção se faz necessário, pelas seguintes razões:

A pesquisa demonstrou que 10% das propriedades são responsáveis por, aproximadamente, 52% da produção do litoral sul da Bahia.

A produtividade destas plantações é de 5,6 frutos/pé/ano, considerada baixíssima em relação à produtividade média brasileira, que está em torno de 30 frutos/pé/ano.

Da produção das propriedades estudadas, 52% do universo, apenas 1,7% de 4.138.580 frutos são destinados ao consumo regional e 98,3% são destinados aos centros: Sergipe (44,5%), São Paulo (28,7%), Salvador (12,4%), Rio de Janeiro (7,7%) e Vitória do Espírito Santo (5,0%).

Os custos da comercialização estão em torno de Cr\$ 0,60 por unidade, e deste custo o item de maior representatividade é o transporte.

Vale salientar que a Demanda Nacional, que é expressa pelas indústrias alimentícias, farmacêuticas, bélicas e de borracha, se ressentem da carência do produto a nível nacional, o que implica em trabalhos com capacidade ociosa, gerando outros problemas de ordem econômica.

*)Torta de coco sem extração de água ou óleo.

Pelo exposto, vê-se que existe um excedente de demanda para coco e subprodutos, que se torna mais grave à medida que se ampliam as capacidades das empresas e/ou se criam novas empresas, ao mesmo tempo em que a produção brasileira de cocos torna-se decrescente e/ou estacionária, em virtude dos problemas agrícolas existentes.

Assim, urge uma dinamização na política agrícola regional com relação às plantações de coco no litoral sul da Bahia, a fim de que se possa aumentar a produção atual, quer pelo emprego de tecnologia, quer pela expansão da fronteira agrícola.

9. SUMÁRIO

A produção de coco no litoral sul da Bahia foi estimada em 8 milhões de frutos/ano. Ao preço médio de Cr\$ 0,96 por unidade (1975) pode-se dizer que o valor bruto da produção foi de Cr\$ 7.680.000,00. Atualmente, contribui com 0,29% para a formação do VBP Regional.

A comercialização se faz do produtor para os intermediários locais e destes para outros de fora e/ou para as indústrias de fora.

Sergipe, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, são os Estados demandadores da produção local.

A exploração do coco no litoral sul é quase extrativista, uma vez que os agricultores, em sua maioria, não fazem tratos culturais em suas plantações, limitando-se apenas a catar os frutos que caem, descascando-os e vendendo-os aos intermediários.

A oferta local representou 1,5% da produção brasileira de cocos, a qual é considerada insuficiente para atender as necessidades ou consumo brasileiro.

Em razão disto, as indústrias trabalham com capacidade ociosa, apesar de pretenderem ampliar suas produções.

Em termos de subprodutos, é opinião de algumas indústrias a existência de um mercado amplo e insatisfeito a nível internacional, que, em razão da falta de matéria-prima, se deixa de suprir.

Observou-se ainda que, apesar de existir uma disponibilidade ampla de recursos, como terra, os agricultores locais e/ou investidores em potencial, ainda não olharam o coco como uma alternativa para exploração agrícola.

10. LITERATURA CITADA

1. COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA - Cadastro de propriedades de cocos na Região Cacaueira da Bahia - 1973. Mimeografado.
2. FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO) Trade Yearbook - Roma - 1973.
3. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) - Anuário Estatístico do Brasil - 1975.
4. KOHLS, R.L. The Institutional Approach. Marketing of Agricultural Problems. The MacMillan Co. Inc. 1959.

5. SECRETARIA DO PLANEJAMENTO CIÊNCIA E TECNOLOGIA (SEPLANTEC).
Tabuleiros costeiros do Extremo Sul - Programa de Desenvolvimento Regional Integrado - Salvador - 1976 v.I.
6. SOUZA, F.E. de - Aspectos da cultura do coqueiro no Nordeste -
SUDENE - 123 p. 1968.
7. STEELE, H.L, VERA FILHO, F.M. & WELSH, R. - Comercialização
agrícola - Rio de Janeiro, Atlas. 1971 443 p.
8. SUDENE - Estudo de mercado de produtos agropecuários do Nordeste -
Departamento de Agricultura e Abastecimento - 227 p. Recife -
1973.



